

**foucault e as
linguagens**

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Junior, Atilio Butturi. / Severo, Cristine Gorski.
Foucault e as linguagens / Atilio Butturi Junior / Cristine Gorski Severo (Orgs).
- Campinas, SP : Pontes Editores, 2018

Bibliografia.
ISBN 978-852170-014-2

1. Linguagem 2. Análise de discurso 3. Michel Foucault

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagem - 410
2. Análise de discurso - 410
3. Michel Foucault - 300

foucault _____

e as



_____ linguagens

Pontes

atilio **butturi junior** & cristine **gorski severo** (org.)

Copyright © 2018 - Dos organizadores representantes dos colaboradores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Editoração: Eckel Wayne
Capa: Longe

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève - Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-056

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

*Ao Pedro de Souza, com quem é bom
estar junto a Foucault.*



SUMÁRIO

AS LINGUAGENS DE FOUCAULT - UMA APRESENTAÇÃO	9
Atilio Butturi Junior Cristine Gorski Severo	
DE QUANTA VERDADE UMA OVELHA É CAPAZ? FOUCAULT E A PROIBIDADE POLÍTICA	21
José Luís Câmara Leme	
O CORPO DO ACUSADO, CORPO QUE FALA.....	51
Pedro de Souza	
MODOS DE SER DA LINGUAGEM EM AS <i>PALAVRAS E AS COISAS</i>	71
Guilherme Castelo Branco	
FOUCAULT, A ARQUEOLOGIA E O CONTORNO DAS ANTROPOLOGIAS.....	85
Cesar Candiotta	
A <i>PARRESIA</i> ÉTICA	105
Luiz Celso Pinho	
O CLAMOR POR JUSTIÇA: QUANDO O VERBO SE FAZ CARNE.....	127
Cristine Gorski Severo	
SUBJETIVIDADE E VERDADE: EM TORNO A UMA HERMENÊUTICA PSIQUIÁTRICA DE SI MESMO	159
Sandra Caponi	
(CONTRA)POSITIVISMO, LINGUAGEM E RESISTÊNCIAS.....	189
Atilio Butturi Junior	

FOUCAULT, O DISCURSO E O LONGO TEMPO DAS OPRESSÕES: UMA ANÁLISE DAS DEPRECIÇÕES E SILENCIAMENTOS DA VOZ FEMININA.....	217
Carlos Piovezani e Joseane Silva Bittencourt	
GOVERNAMENTALIDADE E <i>PSICAGOGIA</i> FILOSÓFICA: UM ESTUDO SOBRE A PROBLEMÁTICA DO GOVERNO COMO EIXO ENTRE AS REFLEXÕES EMPREENDIDAS POR MICHEL FOUCAULT NA PASSAGEM DA DÉCADA DE 1970 ÀQUELA DE 1980	243
Alessandro de Lima Francisco	
ACONTECIMENTO DISCURSIVO E EFEITOS DE PODER SOBRE O SUJEITO IDOSO	267
Pedro Navarro	
NOTAS SOBRE O <i>PREFÁCIO À TRANSGRESSÃO</i> DE MICHEL FOUCAULT: LINGUAGEM, TRANSGRESSÃO E NEGATIVIDADE.....	297
Daniel Verginelli Galantin	

AS LINGUAGENS DE FOUCAULT

UMA APRESENTAÇÃO

Numa entrevista concedida a Claude Bonnefoy, em 1968, Michel Foucault (2016) relatava um afeto: o “frio na barriga” de sua posição de acadêmico em relação à linguagem. Entre um mundo livre e aquele ao qual pertencia, ao da academia e ao da linguagem precisa e estatutária, parecia a Foucault que o gesto da entrevista abria um questionamento sobre outros níveis possíveis nos quais sujeito e linguagem se implicavam mutuamente. Nem comunicação e signo, nem explicação e discurso, nem confissão e subjetividade, haveria de se criar um outro modo de dizer e redizer aquilo que antes já fora afirmado. Foucault vai adiante nesse esforço e afirma sua “desconfiança quase moral” com relação à escrita e as suas lutas particulares com o ato de escrever. Na Suécia, segundo ele, como numa heteroglossia já tardia é que deveria conseguir isto: habitar a sua língua, “o único cão sobre o qual se pode andar, a única casa que podemos nos deter e nos abrigar”.

Em seus textos arqueológicos mais tardios – a própria *Arqueologia do Saber*, de 1969, e a aula inaugural no *Collège de France*, de 1970 (*A Ordem do Discurso*) –, Foucault (2012, 2002) respectivamente marcava um esforço heterotopológico: se havia uma moral de Estado civil para a escritura, um outro movimento seria o de questionar o esquadrinhamento da linguagem e do sistemático (daquela linguagem que Agamben (2014), no seu *O que é o dispositivo*, supunha ser o primeiro e talvez o mais antigo deles em seu

poder de captura); se era preciso romper com a “soberania do significante”, um modo sub-reptício e criativo de tomar a palavra corajosamente, segundo uma criação e uma invenção, estaria já estabelecido enquanto possibilidade e tarefa do pensamento.

Como se sabe, a linguagem ocupou uma espécie de centralidade na trajetória foucaultiana. Paul Veyne (2011), em *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*, afirma que Michel Foucault participou do grande debate moderno, daquilo que faria parte de uma espécie de *linguistic turn* ampliado, no qual tanto o filólogo-filósofo nietzschiano quanto os jogos de linguagem de Wittgenstein ou a performatividade de Austin teriam existido. Poder-se-ia dizer que, no caso desses autores, o problema que levanta Veyne diz respeito à negação das relações especulares entre a linguagem e o mundo, ou entre o sujeito e a linguagem. Foucault, por seu turno, lançou-se desde o início de suas pesquisas sobre os arquivos justamente à espessura cinza dos documentos – como dirá, em *Nietzsche, a genealogia, a história* (FOUCAULT, 2005) –interrogando-os em seu próprio e recolocando, no interior do estruturalismo hexagonal então em vigor, sobre aquilo que dizia respeito não às proposições, não às sentenças, não ao *speech acts*: a superfície relacional e imanente dos enunciados e dos discursos e de seus regimes de existir e coexistir que, se esgotavam numa descrição dos sistemas.

Porém, nessa trajetória, hoje lida sob a égide tripartida de uma fase arqueológica, uma fase genealógica e uma fase ética, a linguagem nunca acabou de aparecer em sua potência explicativa ou em sua capacidade disruptiva – afeita aos desígnios com que começamos esta apresentação. Ora, entre a descrição cinza de uma arqueogenealogia e seu positivismo particular, houve no itinerário foucaultiano uma série de acontecimentos nos quais a linguagem ocupava o centro das tempestades e das mutações topológicas. Assim foi quando solicitou um pensamento exterior, na modalidade de uma escritura criadora e que era prática de liberdade, desde *A História da Loucura* até os textos finais da década de sessenta, so-

bretudo – período investigado com acuidade por Roberto Machado (2005), em seu *Foucault, A Filosofia e a Literatura*. Ou quando, mais distante das heterotopologias, questionou o estatuto daquilo que foi dito, como nos textos arqueológicos fundamentais e nos quais certa autonomia se fazia ouvir.

Em ambos os casos, a palavra e a linguagem permaneceram sobejamente atreladas a Foucault: como não pensar no seu corte minucioso sobre os documentos penais, escolares, industriais, filosóficos? De outra forma, como não retomar as relações entre o zoológico de Borges e as fissuras de uma linguagem cujo gesto era sempre o de violentar as coisas, esquadrinha-las, mantê-las cativas e, ainda assim, perigosas como na experiência de um trágico dionisíaco ainda por se produzir?

Conjurar os perigos. Foi assim que o francês se remeteu à ordem do discurso de que tantas vezes tratou: diante da miríade do acontecimento, procedimentos de ordenação, de separação, de apartamento. O murmúrio da linguagem, entre o fora de uma exterioridade prometida e os limites onde beckettianos que retiram de quem fala o fundamento, sempre pareceu exigente e incontornável, matéria sobre a qual, da literatura às *lettres de cachet*, Foucault lançou seu olhar e sua escrita.

Mais tarde, quando, em seus cursos das décadas de setenta e oitenta, passou à investigação da *epimeleia heautou* e à constituição de uma ética, novamente a linguagem ocuparia a centralidade. Se era um modo de dizer verdadeiro, a *parrêsia*¹ e à hermenêutica de si passariam a ocupar um vórtice no qual, novamente, a linguagem – como confissão ou como prática de liberdade e de resistência – ofereciam-se à leitura. Se um Foucault em desencanto com a linguagem vitoriosa do estruturalismo (ele, que afirmou em 1970 que se tratava de “lacuna de vocabulário” a insistência em designá-lo como um pensador dos sistemas) teria emergido, um outro aparecia dando ênfase àquilo que era da ordem da encenação e dos

¹ Neste livro, as diversas formas de grafar a modalidade do *franco falar* – *parresia*, *parrhêsia*, *parrésia* etc – serão utilizadas, conforme a escolha dos autores.

jogos enunciativos, como bem mostrou Arianna Sforzini (2017) no recente *Les Scènes de la Vérité. Michel Foucault et Le Théâtre*.

Linguagem, extra-seres, discurso. Entre uma experiência e a injunção de um quadro, entre a resistência e a invenção de práticas de liberdade, o que aqui estamos a destacar é um modo de investigação – para além das metodologias, como gostaria Foucault. Aquilo que se inscreve e se deixa ler, cuja repetibilidade está sempre em suspenso e que encena um mundo, ao invés de oferecê-lo em sua platitude adâmica. Este nó e esta ambiguidade, que exigiam não uma inscrição na ordem dos discursos, mas o gesto de uma escrita e de uma voz: não permanecer numa moral de Estado civil quando escrevia sua *Arqueologia*, erigir provocações em suas várias aulas e entrevistas – naquilo que Artières (2016), em *Fazer a experiência da fala*, chamou de uma “geografia da voz”, uma *audiografia* ainda em aberto e cujos efeitos, nas diferentes sendas e perspectivas de que se ocupam, ainda hoje, os estudos sobre Foucault e sobre sua filosofia, ainda permanecem num aberto – seja pelos arquivos inéditos que continuam vindo à tona, seja pela potência de uma enunciação viva em sua urgência estratégica.

O problema da linguagem foucaultiana, naquilo que buscava “no coração venenoso das coisas e dos homens” – como afirma a Bonnefoy –, requer uma atividade que Foucault, esse nome de autor e esse esforço de vocalização, considera “muito profunda”. Sua profundidade porém, não diz respeito ao feliz encontro das sistematicidades de uma língua, nem inaugura o destino de uma axiomática. É sempre lida como uma narrativa e um diagnóstico, uma marca de embreagem e de outras experiências no interior das regularidades. Uma vida proliferante, em seu próprio escrutínio, jamais saturada em texto ou nos retângulos e paralelepípedos onde nos acostumamos ver a unidade, a verdade, o sujeito.

Ora, eis que este **Foucault e as Linguagens** pretende dar a ver uma relação de inventividade a partir e com a linguagem foucaultiana. Os textos aqui presentes assumem o pensamento, a voz e a escrita

foucaultiana – seja como objeto de reflexão e análise, seja como lentes analíticas que ajudam a problematizar o presente. Trata-se, no percurso teórico e analítico desenhado e alinhavado entre os textos, de buscar uma visão crítica, em conformidade com Foucault (1981, p. 3), para quem “Fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais.” Este livro aborda uma série de temas – alguns dos quais *fáceis demais* –, em que a linguagem é tomada como lócus para a desconstrução de evidências, a problematização de sistemas de governo e controle, o exercício crítico da liberdade, a performatização de modos de subjetivação, a constituição resistente de jogos de poder que inscrevem governo e justiça, e a inscrição discursiva de experiências-limite. A paixão pela linguagem nos embalou neste projeto de agrupamento de textos cujos autores têm dedicado parte de seu tempo às reflexões que aproximem Foucault e **as linguagens**. A paixão que nos embala é “[...] um estado sempre móvel, mas que não vai em direção a um ponto dado” (FOUCAULT, 1982, p. 1), de forma que o efeito conjunto de sentido que se produz por esse livro não visa desenhar um panorama acabado, mas sinalizar para possibilidades de caminho, para um tensionamento dos limites que a linguagem – tomada como objeto ou como instrumento de luta nos jogos de poder – desempenha, bem como para as possibilidades de subversão inscritas em seu uso político, ético e estético.

Dessa perspectiva polifônica com que nos debruçamos sobre Foucault, abrimos o livro com a contribuição do filósofo português José Luís Câmara Leme. Intitulado **De quanta verdade uma ovelha é capaz? Foucault e a proibidade política**, o escrito volta-se para o problema das leituras que as teses das aulas que redundaram em *O Nascimento da Política* receberam – e têm recebido – e que produzem uma espécie de “mito de uma enunciação neoliberal” no qual Foucault ocuparia, *malgré lui*, um espaço fulcral. Na ordem de uma polêmica, Leme discute os argumentos de Maurizio Lazzarato partindo de um acurado olhar sobre o imperativo foucaultiano de “não fazer política”, atentando para aquilo que, em Foucault, permanece como denúncia e luta contra a racionalidade neoliberal.

Pedro de Souza é o autor do segundo capítulo, **O corpo do acusado, corpo que fala**, no qual tece um recorte sobre a história da punição, conforme narrada por Foucault, em *Vigiar e Punir*. Trata-se de analisar o modo como o corpo, no contexto do suplício, torna-se alvo de punição em uma relação intrínseca com a fala, embora a articulação entre corpo e fala não seja uma evidência na narrativa de Foucault. O autor também analisa a fala do corpo condenado – de Damiens – como um gesto voluntário que se volta discursivamente para um interlocutor exterior, configurando um outro modo de ser sujeito. Por fim, Souza abre espaço para possíveis aproximações entre suas reflexões com o cenário político brasileiro atual, articulando governamentalidade, justiça e a fala pública na forma de confissão.

O terceiro capítulo, **Modos de ser da linguagem em *As Palavras e as Coisas***, escrito por Guilherme Castelo Branco, se debruça sobre *As Palavras e as Coisas*, publicado em 1966 por Michel Foucault, e naquilo que o livro descreve como a série de deslocamentos pelos quais passa a linguagem entre a Idade Clássica e sua representação total (de *As Meninas* e da Enciclopédia) e a Modernidade (de uma linguagem multifacetada, autônoma e problematizável). Para Castelo Branco, tal descontinuidade aponta para um novo modo de vínculo com a consciência e com a arte, no qual a literatura aparece como um acontecimento singular, exclusivo e tipicamente moderno de desestruturação e de possibilidade de invenção.

O quarto capítulo, **Foucault, a arqueologia e o contorno das antropologias**, também elege como objeto de discussão *As Palavras e as Coisas*. Seu autor, César Candiotta, aparta-se das polarizações com que o livro foi recebido – sobretudo pela crítica ao humanismo – e traça um cuidadoso itinerário das rupturas com as quais Michel Foucault delineou sua arqueologia. Desde o conceito de *épistémè*, Candiotta mostra como o texto foucaultiano foi capaz de colocar em suspenso a antropologia que caracterizava a linguagem das ciências humanas e a ambiguidade filosófica de que são herdeiras, qual seja, a de um sujeito constituinte a sondar seus empreendimentos.

O quinto capítulo, **A *parresia* ética**, descreve uma espécie de itinerário da problematização foucaultiana da *parresia*, desde a abordagem realizada na *Hermenêutica do Sujeito* até *A Coragem da Verdade*. Luiz Celso Pinho, seu autor, a partir de uma minuciosa mirada nos cursos de Michel Foucault, coloca em discussão – no percurso de quase oitocentos anos de uso da *parresia* no mundo ocidental – as modificações pelas quais o conceito do *franco falar* passou até o acontecimento *quínico* e sua radicalidade ético-existencial. Pinho discute o problema da *parresia* de acordo com um extrapolar da linguagem (é uma *arte de falar* que, no limite, solicita uma *arte de viver*), de uma atitude de risco e em sua capacidade de, ao exigir a coragem, sugerir a possibilidade de uma criação de modos de viver distintos, produzindo novas formas de existência.

No sexto capítulo, **O clamor por justiça: quando o verbo se faz carne**, Cristine Gorski Severo descreve uma aproximação entre os discursos de Jó e de Dilma Rousseff a partir do conceito de *parresía*. A autora atravessa um itinerário conceitual, desde a cisão entre a *oikonomia* e a política proposta por Giorgio Agamben, passando depois pela problematização de Michel Foucault acerca da *parresía* e do *paresiastes* para, então, analisar o funcionamento dos enunciados de clamor, presentes tanto no discurso bíblico quanto no da presidenta deposta, evidenciando entre ambos a luta pela produção de um modo de falar e de se subjetivar em que a memória e a profanação se dão a ver como potências de transformação acionadas, no limite, pelo ato de linguagem de sujeitos colocados em risco e exercendo sua liberdade.

No sétimo capítulo, **Subjetividade e verdade: em torno a uma hermenêutica psiquiátrica de si mesmo**, Sandra Caponi problematiza o que chama de *hermenêutica psiquiátrica de si*. A partir da discussão foucaultiana do governo e de suas relações com a enunciação da verdade sobre si mesmo, Caponi traça um itinerário preciso dos últimos cursos de Michel Foucault, atentando para a genealogia do sujeito moderno e aquilo que ela oferece de questionamentos acerca do governo de si, do governo dos outros e das estratégias

que permitiram a injunção da hermenêutica de si, segundo um deslocamento entre a ética da Antiguidade e aquilo que, desde a pastoral cristã, aparece como exigência e como heteroveredicação. Como defende a autora, seguindo Foucault, tal estratégia está ainda em funcionamento nos processos de renúncia de si da psiquiatria, aos quais é preciso contrapor um questionamento acerca do caráter político de produção dos sujeitos em determinados regimes de verdade.

Atilio Butturi Junior, em **(Contra)positivismo, linguagem e resistências**, oitavo dos capítulos, analisa as relações entre linguagem, discurso e poder. A hipótese levantada pelo autor é de que a linguagem ocupa papel relevante nos escritos teóricos e analíticos de Foucault, seja pela relação com a transgressão, seja pela relação com as formas de vida e práticas de liberdade. Busca ver esses dois modos de funcionamento da linguagem como um espaço de tensionamento agonístico. O escrito se organiza em duas etapas: enfoque na arqueologia dos discursos a partir de duas séries de leitura, uma pela inscrição e outra pela transgressão; abordagem de um deslocamento crítico operado na fase ética, em aproximação com as ideias de Agamben sobre as regras monásticas. Trata-se, com isso, de aventar uma possível teoria da enunciação na trajetória foucaultiana e os modos pelos quais as resistências e as práticas de liberdade podem ser descritas.

Em **Foucault, o discurso e o longo tempo das opressões: propriedades e metamorfoses das discriminações sofridas pela voz feminina**, oitavo capítulo deste **Foucault e as Linguagens**, Carlos Piovezani e Joseane Silva Bittencourt refletem sobre as recorrências dos estigmas atribuídos à voz feminina, a partir da relação indissociável entre o discurso e o poder, tal como ela foi postulada por Michel Foucault, bem como do papel que aí desempenha a conservação das coisas ditas. Trata-se de indicar que tais estigmas se conservam numa longa duração, ultrapassando as fronteiras do tempo, mas também do espaço, dos campos do saber e das instituições. Para demonstrá-lo, os autores examinam

uma série de enunciados provenientes desde a Retórica antiga, passando pelo discurso religioso e pelas ciências naturais, até a mídia brasileira contemporânea. Ao final, Piovezani e Bittencourt propõem a hipótese de permanência e da força dos preconceitos contra a voz feminina.

Alessandro de Lima Francisco é o autor do décimo capítulo, **Governamentalidade e *psicagogia* filosófica: um estudo sobre a problemática do governo como eixo entre as reflexões empreendidas por Michel Foucault na passagem da década de 1970 àquela de 1980**, apresenta uma contextualização panorâmica da noção de governamentalidade. Para tanto, o autor explora os conceitos de biopoder e biopolítica, embora enfoque sua apresentação na relação da governamentalidade com as noções de governo, artes de governo e soberania. Em sua leitura, o autor defende, por fim, que genealogias do poder e da ética devem ser vistas como um campo único de problematização.

O décimo primeiro capítulo é de autoria de Pedro Navarro. Em **Acontecimento discursivo e efeitos de poder sobre o sujeito idoso**, Navarro busca extrair alguns caminhos teórico-metodológicos para a compreensão de um conjunto de enunciados que tomam como objeto discursivo a relação entre envelhecimento da população e governamentalidade. Para tanto, são feitos três movimentos analíticos que se complementam: (i) retomam-se as noções foucaultianas de discurso como acontecimento e de sujeito; (ii) discute-se a relação entre acontecimento e poder; (iii) procede-se à análise dos efeitos de poder que circulam entre enunciados que constituem formas de designação do idoso e do governo desse sujeito. O autor propõe a análise de um dispositivo de poder-saber, na forma de um dispositivo da idade, que visa gerenciar a vida dos indivíduos ditos idosos.

Em **Notas sobre o *Prefácio à transgressão* de Michel Foucault: linguagem, transgressão e negatividade** – o último capítulo desta coletânea –, Daniel Verginelli Galantin propõe uma leitura

pormenorizada do artigo de Foucault sobre Bataille, intitulado *Prefácio à transgressão*. O autor revela o diálogo desse artigo com parte da recepção do pensamento de Nietzsche na França, tanto com a geração anterior, quanto com aquela contemporânea de Foucault. A temática nietzschiana da morte de Deus é pensada, através de Bataille, enquanto abertura de espaço para um pensamento crítico que não faz da finitude humana um fundamento das positivities, mas a ocasião de uma experiência que conduz o sujeito aos seus limites. Essa experiência é explorada, fundamentalmente, através de uma reflexão sobre o ser da linguagem moderna em sua relação com a finitude. Galantin finaliza o capítulo lançando a hipótese de que essas considerações não se restringem à década de 1960 em Foucault, mas se conectam com suas pesquisas após 1978.

Aqui, como se poderá notar, abandonamos alguns dos limites disciplinares e das normas de convivência teóricas e procuramos submeter a unicidade ao regime da proliferação. Esperamos com este **Foucault e as linguagens** não apenas indicar possibilidades de aproximação entre os campos do saber afetos à linguagem, mas dar a conhecer modalidades distintas de leitura e de debate acerca da voz de Foucault e de sua linguagem que, ainda hoje, permanece disjungindo e recriando os estudos acadêmicos, segundo ordens e experiências cada vez mais complexas e interseccionais.

Atilio Butturi Junior
Cristine Gorski Severo

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O amigo. O que é um dispositivo*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2014.
- ARTIERES, P. Fazer a experiência da fala. In: FOUCAULT, M. *O belo perigo: conversa com Claude Boonefo*. Trad. Fernando Scheibe. Rio de Janeiro: Autêntica, 2016.
- FOUCAULT, M. *O belo perigo: conversa com Claude Boonefo*. y Trad. Fernando Scheibe. Rio de Janeiro: Autêntica, 2016.
- _____. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- _____. Nietzsche, a genealogia, a história. In: _____. *Ditos e escritos: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. 2. ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.p.260-281.
- _____. *A ordem do discurso*. 8. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio: São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. "Est-il donc important de penser?" Entretien avec Didier Eribon. *Libération*, n. 15, p. 21, 30-31 maio 1981. [Trad. Wanderson Flor do Nascimento, a partir de FOUCAULT, M. *Dits et écrits*, v. IV. Paris: Gallimard, 1994. p. 178-182.
- _____. *Conversation avec Werner Schroeter*. Paris, Goethe Institute, p. 39-47, 1982. [Trad. Wanderson Flor do Nascimento]. Disponível em: <<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/estadosdepaixao.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2018.
- MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- SFORZINI, A. *Les scènes de la vérité. Michel Foucault et le théâtre*. Lormont: Le Bord de L'Eau, 2017.
- VEYNE, P. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.